

BILINGUISMO EM LÍNGUAS DE SINAIS: crianças brasileiras surdas aprendem ASL – American Sign Language com o professor Surdo

Luciane Rangel Rodrigues¹
Ana Regina e Souza Campello²

RESUMO:

Este artigo faz parte de um projeto que foi realizado na creche da APADA - Associação de Pais e Amigos dos Deficientes de Audição, de Niterói - Rio de Janeiro. Projeto criado pela diretora Luciane Rangel Rodrigues junto com o professor que ministrava as aulas de American Sign Language – ASL, em 2006, às crianças surdas de faixa etária entre 5 e 7 anos que já dominavam Língua Brasileira de Sinais – Libras, e ainda estavam no processo de aprendizagem da Língua Portuguesa. Do mesmo modo que as crianças ouvintes estudam o inglês como uma disciplina escolar, as crianças surdas também podem aprender outra língua estrangeira como língua de sinais, podendo ser esta na modalidade visual-espacial. Metodologicamente, foi realizado a elaboração de materiais para comparar e entender as diferenças entre a Libras e a ASL. Também foram utilizados materiais didáticos visuais, como cartazes, colocados na parede, além da prática de conversas em diferentes contextos, levando o aluno a perceber e a entender o que estava sendo falado. Não foram ensinados sinais soltos, mas sim dentro de contextos em que o professor, também surdo, conversava com os alunos. Os conteúdos programáticos foram elaborados junto com professor que domina a ASL. Os resultados demonstraram claramente que, por ser um idioma visual, crianças podem aprender com facilidade a ASL.

Palavras-chave: ASL. Ensino-aprendizagem de línguas. Libras. Surdo.

BILINGUALISM IN SIGN LANGUAGE: Deaf Brazilian children learn ASL – American Sign Language with deaf teacher

ABSTRACT:

This article is part of a project that was carried out at the daycare center of APADA - Association of Parents and Friends of the Hearing Impaired, in Niterói - Rio de Janeiro. Project created by director Luciane Rangel Rodrigues together with the teacher who taught American Sign Language – ASL classes, in 2006, to deaf children aged between 5 and 7 who had already mastered Brazilian Sign Language – Libras, and were still in the process of learning the Portuguese language. In the same way that hearing children study English as a school subject, deaf children can also learn another foreign language as a sign

¹ Surda. Professora e Doutora da disciplina de Libras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Membro do Grupo de Pesquisa: Instrução em Libras como L1 e L2. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-3641-2045>. E-mail: lucianerangel.uff@gmail.com

² Surda. Professora e Doutora das disciplinas: Estudos Surdos e Educação Bilingue do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Curso de Mestrado Profissional de Educação Bilingue (DESU/INES) e Pós-graduação de Doutorado em Ciência, Tecnologia e Inclusão (PGCTIn) da Universidade Federal Fluminense – UFF/RJ. Rio de Janeiro. Líder e Coordenadora do Grupo de Pesquisa: Instrução em Libras como L1 e L2. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-1464-9524>. E-mail: acampello@ines.gov.br

language, which may be in the visual-spatial modality. Methodologically, materials were prepared to compare and understand the differences between Libras and ASL. Visual teaching materials were also used, such as posters, placed on the wall, in addition to practicing conversations in different contexts, helping the student to perceive and understand what was being said. No loose signs were taught, but rather within contexts in which the teacher, also deaf, talked to the students. The program contents were created together with a teacher who mastered ASL. The results clearly demonstrated that, as it is a visual language, children can easily learn ASL.

Keywords: ASL. Language teaching and learning. Libras. Deaf.

BILINGUISMO EN LENGUAS DE SIGNOS: niños brasileños sordos aprenden ASL – Lenguaje de Signos Americano con su profesora sorda

RESUMÉN

Este artículo es parte de un proyecto que se llevó a cabo en la guardería de APADA - Asociación de Padres y Amigos de Personas con Discapacidad Auditiva, en Niterói - Río de Janeiro. Proyecto creado por la directora Luciane Rangel Rodrigues junto con la profesora que impartió clases de Lengua de Señas Americana – ASL, en 2006, a niños sordos de entre 5 y 7 años que ya dominaban la Lengua de Señas Brasileña – Libras y aún estaban en proceso de aprendizaje. Lengua portuguesa. De la misma manera que los niños oyentes estudian inglés como materia escolar, los niños sordos también pueden aprender otra lengua extranjera como lengua de signos, que puede ser en la modalidad viso-espacial. Metodológicamente, se prepararon materiales para comparar y comprender las diferencias entre Libras y ASL. También se utilizaron materiales didácticos visuales, como carteles, colocados en la pared, además de practicar conversaciones en diferentes contextos, ayudando al alumno a percibir y comprender lo que se decía. No se enseñaban señas sueltas, sino dentro de contextos en los que el profesor, también sordo, hablaba con los alumnos. Los contenidos del programa fueron creados junto con un profesor que dominaba ASL. Los resultados demostraron claramente que, al ser un lenguaje visual, los niños pueden aprender ASL fácilmente.

Palabras clave: ASL. Enseñanza-aprendizaje de idiomas. Libras. Sordo.

INTRODUÇÃO

Este artigo oferece dicas ou esclarecimentos aos profissionais da educação infantil na Educação de Surdos ou da Educação Inclusiva, que trabalham com crianças surdas, um momento de reflexão a respeito de uma nova visão que a educação de surdos pode ganhar com a inserção de um novo idioma visual, outra língua de sinais, no caso de língua estrangeira, como por exemplo as línguas de sinais americana (em inglês, se chama de American Sign Language), francesa e outras línguas sinalizadas de outros países.

Qualquer criança ouvinte pode aprender mais de um idioma, de acordo com a Competência de área 4 que foca como: “Compreender a arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade”, da Linguagem e Código do BNCC (BRASIL, 2017), podendo escolher uma segunda língua a qual tenha interesse de aprender. As crianças surdas já possuem duas línguas e ainda podem escolher outra língua de sinais estrangeira. Assim, surgiu o seguinte questionamento: “Por que as crianças surdas brasileiras não podem aprender uma terceira língua?”

Neste sentido é que o projeto chamado de “Curso de Língua de Sinais Americana – ASL às crianças surdas” organizado pela direção da APADA junto com o professor nativo em Libras e domina a língua de sinais americana (ASL) para ministrar o projeto piloto às crianças surdas, com o objetivo de ensiná-las outra língua diferente da Libras. O projeto piloto se realizou em 2006. As crianças surdas eram alunas do ensino infantil e do ensino fundamental, foram indicadas/convidadas para participar deste projeto e estas já dominavam a Libras, pois na sua maioria delas ingressou na creche quando eram bebês e as demais quando tinham entre um (1) e dois (2) anos de idade. Quando se adquirirem mais cedo e de forma natural a língua de sinais brasileira – Libras, não apresentaram nenhuma dificuldade de aprender em uma nova língua visual, sua terceira língua: ASL.

A Federação Mundial de Surdos tinha um plano de ação para ser realizado até 2020, cujo objetivo é garantir a qualidade de vida dos surdos e seus direitos, preconizando que todas as pessoas surdas tenham direito de ser multilíngues e não apenas bilíngues.

É de extrema importância incentivar as crianças surdas a conhecerem outra língua de sinais, para poderem ampliar seus conhecimentos linguísticos e cultural. Devem descobrir e comparar as diferenças entre a Libras e a American Sign Language - ASL, para que desde cedo comecem a compreender e perceber que existem várias línguas de sinais no mundo. Diante dessas considerações, o objetivo deste artigo é mostrar os resultados encontrados no referido projeto realizado pela pesquisadora. conforme o documento divulgado no mundo inteiro

Eles já traziam consigo uma forma de comunicação, mas era necessário um aprofundamento e esse projeto era realmente maravilhoso. Como primeira experiência de algo muito diferente, a diretora de Associação de Pais e Amigos dos Deficientes de Audição - APADA convidou o professor Nelson Pimenta³ pois ele já trabalhava com línguas estrangeiras, como ASL. Ele tinha experiência porque tinha vivido nos Estados Unidos. O desafio seria fazer com que os profissionais acreditassem no potencial das crianças surdas, com idade entre 5 (cinco) e 6 (seis) anos, em aprender uma terceira língua como língua estrangeira, pois estas já estavam no processo de aquisição da língua portuguesa escrita. Porém, a diretora era segura e acreditava no desenvolvimento cognitivo das crianças, pois elas dominavam a Libras desde cedo, a partir dos 2 (dois) e 6 (seis) anos de idade. Não havia nenhuma barreira. Depois de 3 (três) meses, elas apresentaram o trabalho de ASL na feira cultural do mundo de surdos que acontece uma vez por ano, projeto realizado pela mesma diretora. A feira cultural repetiu-se por 7 (sete) anos, com vários temas e contextos de vários tipos, visitas na feira e na sala de aula, apresentações teatrais e poesias e outros tipos. Teve uma apresentação de ASL com a mesma turma, após um aprendizado de 3 (três) meses, que foi um sucesso e as crianças saíram muito orgulhosas.

A diretora escolheu apenas uma turma, que dominava Libras e já sabiam sobre a língua que usam e da língua portuguesa que são bem diferentes, e entendem suas estruturas distintas. Apesar da existência de outras crianças surdas, separamos as crianças que ingressaram, na faixa de 4 (quatro) ou 5 (cinco) anos, porque elas estavam no processo de aquisição de Libras, pós linguagem. Tinham que focar na Libras para não confundir com ASL. Ambas são línguas visuais, melhor não arriscar durante o processo de aquisição da ASL.

No início, para que elas tivessem um aprendizado da língua de sinais, era necessário um conhecimento prévio. A partir daí, elas poderiam utilizar uma língua estrangeira, no caso a ASL, com suas expressões faciais. O projeto tinha uma carga de 12 (doze) horas, uma vez por semana, acordado com o professor

³Professor Doutor Nelson Pimenta, surdo, fluente em ASL, muito conhecido na área de educação bilíngue de surdos. É pesquisador e autor de vários materiais didático. Morou nos Estados Unidos por um ano. Ele trouxe muita bagagem cultural e materiais para uso didático visual.

Nelson Pimenta.

Esse trabalho iniciava com a apresentação de dois mapas diferentes: do Brasil e dos Estados Unidos. As crianças conseguiram entender que eram dois lugares diferentes: Aqui e lá, muito longe. Entenderam que Libras e ASL são línguas diferentes, duas línguas separadas, não deviam misturar as duas línguas. A regra era o uso apenas de ASL e esquecer a Libras momentaneamente. As crianças sentiam muito orgulho quando chamavam seus nomes e seus sinais americanos”.

Precisa ver a alegria da turma, pois adoravam o aprendizado de ASL, algo comprovado e uma experiência incrível.

Durou apenas 3 (três) meses pois o projeto era curto e recebeu uma verba específica do governo. Mas foi algo muito importante para o desenvolvimento intelectual das crianças surdas, elas cresceram muito e abriram suas mentes. O projeto teve um resultado positivo e significativo com a expansão do conhecimento da percepção visual e o empoderamento dessas crianças, porque eles aprenderam outra língua, assim como as crianças ouvintes aprendem o inglês e espanhol no currículo escolar.

Para evitar prejudicar as crianças surdas, a família deve respeitar seu direito linguístico e de ser, o direito de aprender Libras no ambiente familiar, com pais e irmãos para se comunicar o mais cedo possível, ajudando a desenvolver suas capacidades cognitivas desde a infância, que é a fase mais importante da vida das crianças, estimular a adquirir conhecimentos gerais no dia a dia, aprender a viver nos dois mundos, para adquirir as duas culturas.

Todas as pessoas envolvidas com os surdos sejam pais, professores ou profissionais de diversas áreas, precisam mudar suas concepções em relação a estes. Neste sentido, faz-se necessária uma mudança de estratégia e não ficar sempre utilizando os mesmos métodos. Os pais têm que se conscientizar da importância da Libras como língua natural. Todavia, é necessário entender claramente que a escola e a parte clínica são áreas bem distintas. O que acontece geralmente é que os pais obrigam o filho a falar o português, porém o mais adequado seria os pais fazerem o caminho inverso, ou seja, aprenderem a Libras

junto com seus filhos, para criarem dentro de casa um ambiente bilíngue.

Todas estas considerações apontam para a necessidade de mudar o pensamento de pessoas que lidam com crianças surdas, para que estas possam crescer com qualidade de vida e em ambientes bilíngues ou multilíngues. Se as crianças surdas não chegam a ser monolíngues nem bilíngues, não podem aprender um terceiro idioma, como o ASL.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Língua de Sinais Brasileira: a língua dos surdos

O ritmo das políticas de educação para surdos anda muito lentamente no Brasil, por falta de estrutura e metodologia para ampliação de oferta de creches bilíngues, visando o atendimento a bebês surdos de 0 (zero) a 2 (dois) anos. Esta é uma fase primordial na vida de qualquer indivíduo no que se refere à aquisição linguística. Se a surdez não for identificada antes dos 2 (dois) anos de idade, a criança terá um grande prejuízo, pois é nesta fase que a aquisição de uma língua se dá, de maneira natural, e quanto mais cedo isto acontecer melhor. Nas crianças surdas a aquisição linguística é de extrema importância para seu desenvolvimento global, porém sem uma língua de domínio para ser compartilhada, elas não se comunicam e não recebem informações do mundo e isso, por si só, já é um grande prejuízo. Estas crianças devem entrar em contato com uma comunidade surda, desde a mais tenra idade possível, pois é fundamental este contato; e, também, com profissionais surdos que lhes sirvam de modelo linguístico e cultural, a fim de que construam sua identidade surda.

Segundo Quadros (1997), as crianças surdas têm seus direitos linguísticos,

...No caso da comunidade surda, a L1 é fundamental para que as crianças surdas tenham acesso à língua de sinais para garantir o desenvolvimento da linguagem e, conseqüentemente, do pensamento; e o domínio da L2, na modalidade escrita, é necessário para que os sujeitos surdos possam fazer valer os seus direitos diante da sociedade ouvinte. (QUADROS, 1997, p.85)

Em relação aos pais de surdos, eles devem receber informações detalhadas

sobre a visão sócio-antropológica a respeito do sujeito surdo e seus direitos. A visão clínica passada para os pais precisa mudar, porque os pais de filhos surdos desejam o modelo clínico. A preocupação demasiada com o estado clínico dos ouvidos já vem de muito tempo e não alcançou grandes avanços. Com o novo milênio, a visão socio-antropológica vem conquistando mudanças significativas, sendo divulgada por vários autores, professores doutores, surdos e ouvintes como Ana Regina Campello, Gladis Perlin, Nelson Pimenta, Karin Strobel, Carlos Skliar, Ronice Müller, entre outros. Autores e pesquisadores modernos, que percebem a importância de investir na qualidade de vida dos surdos, defendendo a comunidade surda, seus direitos linguísticos e culturais.

A filosofia educacional para surdos já passou por fases distintas: o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo. As escolas bilingue podem oferecer mais uma língua de sinais como LE- língua estrangeira, visual. Nas escolas inclusivas, os alunos surdos aprendem línguas estrangeiras, inglesa ou espanhola, mas a educação brasileira vem fazendo muita confusão com as diferentes concepções de inclusão, o que atrapalha muito a aquisição da Libras.

As escolas não estão preparadas para receber os alunos surdos de forma adequada. Não estão em condições de oferecer atendimento de qualidade, por isso, os alunos surdos perdem muita informação. Também não há estratégias específicas para o ensino da língua portuguesa, resultando em um aprendizado ineficaz.

Os alunos surdos sempre são marcados por terem dificuldades de aprendizagem e por nunca chegarem a ter o mesmo nível que os alunos ouvintes. Contudo, a culpa não está nos alunos; e, sim, em um conjunto de fatores: professores despreparados e desinteressados, falta de metodologia específica, falta de engajamento das políticas educacionais, falta de interesse por parte da família, entre outras coisas. Existem pouquíssimos profissionais comprometidos que trabalham de verdade. O surdo não precisa ser tratado como se fosse incapaz; pelo contrário, o professor pode exigir dele tanto quanto exige de um ouvinte, desde que respeitado em suas necessidades educacionais especiais, como a Libras e a presença de tradutor intérprete de língua de sinais e português – TILSP, porque se ele for tratado como um indivíduo inapto, nunca conseguirá progredir e

ultrapassar as barreiras impostas pela sociedade.

Muitas crianças surdas ainda não têm acesso a maior quantidade de informações, por causa da falta de comunicação em suas casas - a maioria dos pais ouvintes ainda não domina a língua de seu filho surdo. Geralmente, a criança também não sabe Libras, somando-se a isto, em muitas escolas, os professores também não o sabem. O resultado é um grande prejuízo na aprendizagem do aluno surdo. Estes são alguns dos motivos que dificultam a efetivação de um sistema educacional multilíngue.

Surge então o seguinte questionamento: “Como acabar com tais barreiras?” A implantação de creches com berçários que ofereçam aos bebês surdos, o quanto mais cedo possível, a oportunidade de adquirirem a língua de sinais de forma mais natural, para nós é uma boa solução. Os bebês devem estar em contato com profissionais surdos, para que estes lhes sirvam de modelo. Ter a influência de um usuário de sua língua, em ambiente linguístico natural, é condição mínima para o trabalho realizado com as crianças surdas.

Um atendimento para acompanhar e fornecer informações aos pais e familiares interessados se faz necessário e é urgente para completar a educação bilíngue. A criação de berçários é essencial para investir na qualidade de vida dos surdos, para que futuramente ele possa gozar dos mesmos direitos que os ouvintes, tendo o mesmo nível de desenvolvimento linguístico.

Surdo multilíngue

Os surdos, assim como qualquer pessoa ouvinte, podem ser bilíngues ou multilíngues, se possível, desde pequenos. Podemos perceber esse caminho nas palavras de Groesjean:

Toda criança surda, qualquer que seja o nível da sua perda auditiva, deve ter o direito de crescer bilingue. Conhecendo e usando a língua de sinais e a língua oral (na sua modalidade escrita e, quando for possível, na sua modalidade falada) a criança alcançará um completo desenvolvimento das suas capacidades cognitivas, linguísticas e sociais. (GROESJEAN, 2021, p.02)

Vemos aqui o bilinguismo como direito, não apenas uma possibilidade.

Precisamos lutar para garantir isso. Ronice Quadros também complementa:

[...] Tentando buscar encontrar o “bi(multi)linguismo” em meio a tantos desencontros, percebe-se que estamos diante de grupos sociais que utilizam diferentes línguas em diferentes contextos, em diferentes espaços. Bilinguismo, então, pode, entre tantas possíveis definições, assim ser definido: o uso que as pessoas fazem de diferentes línguas (duas ou mais) em diferentes contextos sociais. Aqui já temos uma relativização do “bi” em bilinguismo, uma vez que genericamente o termo é usado para se referir ao uso de mais de uma língua, apesar de haver o uso do termo “multilíngue” nesse sentido (QUADROS, 2005, p.27).

No momento, muitos profissionais das áreas da surdez e educacional ainda discutem a questão da educação de surdos e levantam pontos de vista positivos e negativos. Os professores que trabalham com surdos, além de serem formados em Educação de surdos, deveriam também ser professores bilíngues que dominassem a Libras e que ensinassem a língua portuguesa escrita como segunda língua; que saibam utilizar estratégias didáticas diferenciadas, principalmente com materiais visuais para estes alunos.

A maioria dos profissionais se preocupa em fazer cursos de especialização, sem nunca ter tido contato com o mundo e a cultura dos surdos. Confundem muito o surdo com a pessoa deficiente. O indivíduo surdo possui uma língua e uma cultura própria, mas a maioria das pessoas tem dificuldade de compreender esta questão. Não conseguem fazer esta distinção, que é fundamental e costumam considerar a falta de audição como um problema físico, prevalecendo a visão clínica. Dificilmente, entendem a importância de valorizar a cultura e a língua dos surdos.

METODOLOGIA

Foi realizada a elaboração de materiais para comparar e entender as diferenças entre a Libras e a ASL. Também foram utilizados materiais didáticos visuais, como cartazes, colocados na parede, além da prática de conversas em diferentes contextos, levando o aluno a perceber e a entender o que estava sendo falado. Não foram ensinados sinais soltos, mas sim dentro de contextos em que o professor, também surdo, conversava com os alunos.

Os conteúdos programáticos foram elaborados junto com professor que domina a ASL. Foi escolhida apenas uma turma, na faixa etária de 5 (cinco) a 7 (sete) anos, que já dominava a Libras quando eles tinham entre 6 (seis) meses e 2 (dois) anos, e ainda estava no processo de letramento da língua portuguesa. Este projeto teve a duração de três meses, em sala de aula, com aulas ministradas pelo professor Nelson Pimenta. Todo o processo de aprendizado dos alunos foi acompanhado por meio da observação desde o início pela diretora. Ele próprio criou sua estratégia e metodologia de ASL visual para as crianças surdas.

O planejamento teve 12 (doze) aulas, uma vez por semana, com duração de 1 (uma) hora na sala de aula comum. O professor trouxe 2 (dois) mapas, do Brasil e Estados Unidos, que foram colados na parede, para que os alunos entendessem a diferença entre os dois países. Eles entenderam que moram no Brasil, e que os Estados Unidos é outro país, e sabem que estavam bem longe.

Os 6 (seis) alunos, que estudaram na mesma turma, tinham idades entre 5 (cinco) a 7 (sete) anos e já dominavam a Libras.

Foram 5 (cinco) meninas e 2 (dois) meninos: uma criança de 5 (cinco) anos, quatro de 6 (seis) anos e uma de 7 (sete) anos.

A aula era básica, com plano de aula, comparar gravura dos dois mapas, duas datilologias, de Libras e ASL, os nomes dos alunos, seus sinais, animais, cores e outros conteúdos.

O professor Nelson mostrou algumas diferenças nas datilologias das duas línguas, como as letras F, G, H, M e outras. Os alunos perceberam as diferenças entre LSB e ASL.

O encerramento do projeto de ASL foi na feira cultural do Mundo dos Surdos, promovido pela APADA, receberam muitas visitas. A turma apresentou e ensinou os sinais de ASL para os visitantes, que aprenderam também.

DISCUSSÃO

Eles amaram esta aula e queriam continuar a aprender, porém ASL não era disciplina da creche. Era um projeto de curto período, com verba do governo federal, e durou apenas 3 (três) meses.

Eles perceberam a diferença entre as duas línguas e suas estruturas gramaticais. Ficaram surpresos ao saber que existe várias línguas de sinais diferentes do mundo. Ficaram felizes e orgulhoso de apresentar seu nome com a datilologia diferente da ASL, e apresentar seu sinal a turma.

A turma se adaptou muito bem com o professor Nelson Pimenta e respeitou a regra criada pelo próprio professor: não usar Libras. Aproveitaram seu tempo aprendendo uma língua rica e saíram da sala com sorrisos largos e felizes. Mostraram para seus colegas e professores que eles aprenderam ASL.

Aprenderam rápido por causa da didática visual e o excelente trabalho e estratégia do professor Nelson. As crianças se identificaram muito com o professor surdo na sala de aula, sem precisa do acompanhamento da sua professora, nem da auxiliar e sentiram livres e confiantes.

A diretora participou de umas aulas, observou a turma e não encontrou nenhuma dificuldade de entender e aprender ASL, porque o professor já tinha explicado muito claro no primeiro dia na aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho na APADA, Niterói, foi desenvolvido pela autora deste artigo quando era diretora da creche na instituição. Com o professor Nelson Pimenta foi possível proporcionar aos alunos muito mais facilidade em se comunicar em outra língua. Pode-se concluir que a ASL poderá ser uma disciplina de língua estrangeira visual na educação de surdos e em turmas de escolas inclusivas, assim como é o inglês e espanhol, nas escolas regulares. O conhecimento linguístico das crianças surdas pode crescer muito. Tornando-se multilíngues, elas podem entrar em contatos com surdos americanos ou surdos que saibam a ASL de qualquer parte do mundo. Durante a aplicação do projeto, as crianças despertaram muito o interesse, ficaram mais curiosas com a nova língua, e conseguiram – principalmente - perceber a diferença entre a Libras e a ASL, alcançando os objetivos propostos. Ao mesmo tempo que aprendiam a conversar em ASL, fizeram muitas perguntas sobre a cultura e língua americana.

Além disso, percebeu-se que a turma teve muita facilidade para aprender a

Língua de Sinais Americana, por ser uma língua totalmente visual/espacial. Compreenderam e perceberam, rapidamente, os significados dentro do contexto exposto durante as aulas, na sala, com o apoio de diversos materiais visuais.

Por fim, este projeto significa um incentivo aos profissionais, para que possam acreditar na capacidade do desenvolvimento intelectual, emocional e psicologia de crianças surdas que vem a ser como o de qualquer criança ouvinte.

Este aprendizado não depende da audição e sim, da visão. Pode abrir um novo caminho para aprender Sinais Internacional – SI, conhecer o sinais internacionais para poder se comunicar com crianças ou adultos, surdos ou ouvintes, da comunidade surda dos todos os países. A partir da pandemia de covid-19 que ocorreu por volta do mês de fevereiro de 2020, muitos surdos participam de lives, nas mídias sociais, encontram surdos de vários países e com suas próprias línguas, mas nas lives, usam somente Sinais Internacionais. Muitos tiveram contato com crianças surdas, que apresentaram poesia em língua de sinais com presença de adultos surdos de outros países, tendo plena compreensão de conteúdo. As crianças e jovens brasileiros surdos podem participar, ampliar as informações, aprender Sinais Internacionais, um novo idioma visual e se apropriar de informações diferentes e interessantes, não só de poesias. A pandemia ofereceu grandes e variadas oportunidades para um novo aprendizado.

REFERÊNCIAS

BRITO, Lucinda Ferreira. **Integração social e educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

GROESJEAN, Francois. **O direito da criança surda de crescer bilíngue**. Suíça: 2021.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

VYGOTKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Recebido em: 14 de novembro de 2023.

Aprovado em: 21 de novembro de 2023.

Publicado em: 05 de dezembro de 2023.

